

16. A regeneração do "eu"

O Inominado se reencontra em uma experiência do encontro com um "eu" grande e responsável, o do Cardeal Federigo, com um "eu" cuja beleza não é mais juvenil e imatura que deseja aparecer, mas a beleza senil e sábia que olha; a beleza de um olhar revelando ao outro a *sua* beleza escondida e profunda; a beleza atraente pelo que desperta em nós, não nos enchendo de concupiscência ou inveja, mas com o desejo de uma beleza possível para nós, pelo desejo de uma caridade possível à nossa liberdade.

"O Inominado (...) cobriu seus olhos novamente com uma mão, e, levantando o rosto, exclamou: - Deus é realmente grande! [*Seu coração se dilata em louvar a Deus, como a Virgem Maria no Magnificat!*] Deus realmente bom! Conheço-me agora, compreendo quem sou; as minhas iniquidades estão diante de mim; abomino a mim mesmo; e mesmo assim...! Mesmo assim sinto um refrigério, uma alegria, sim uma alegria, que nunca experimentei em toda esta minha horrível vida!" (*Os noivos*, Cap. 23)

Neste "mesmo assim...!", a genialidade cristã de Manzoni expressou toda a novidade do cristianismo, a novidade que a misericórdia de Cristo faz experimentar, que o Espírito de Jesus faz sentir: pode enxergar toda a repugnância da própria vida e não ser derrubado, pois a repugnância põe, ainda mais em evidência, o olhar de Cristo; o fato que à Ele não somos repugnantes, e aos Seus olhos somos sempre preciosos!

Sem saber, o Inominado refaz a experiência de si, expressa pelo Rei Davi no Salmo 50, o *Miserere*, que Manzoni quase o faz citar:

"Eu reconheço a minha iniquidade,
diante de mim está sempre o meu pecado. (...)
Restituí-me a alegria da salvação,
e sustentai-me com uma vontade generosa.
Então aos maus ensinarei vossos caminhos,
e voltarão a vós os pecadores" (Sl 50,5.14-15)

E renasce no desejo do bem, de reparar, amar, dar a sua vida para a obra de Deus, que transfigura todos os seus erros.

Para viver nesta liberdade, vimos ser necessário corresponder a um chamado misterioso que, de uma forma ou de outra, nos faz sair de nossa fortaleza para ir a um encontro que nos faz renascer. Repenso novamente no pensamento de Papa Francisco em *Evangelii gaudium*, já citado: "Dar prioridade ao tempo significa ocupar-se em *iniciar processos mais que possuir espaços*" (EG 223).

Quando se vive, como o Inominado ou como o arquiteto de Graham Greene, para conquistar espaços de poder, de todos os tipos, em vez de iniciar processos no tempo – especialmente o processo da própria conversão, da abertura da nossa vida e coração à Redenção, que transforma o homem velho em homem novo em Cristo –, cedo ou tarde é inevitável ficar defendendo os espaços conquistados. Então, todos os esforços são para construir cercas e muros, a circundar os espaços do nosso poder, construindo muralhas de todos os tipos, ideológicas, como as do Pe. Ferreira, ou

mesquinhas como as de Don Abúndio. E com passar do tempo, ou desde o início, o espaço conquistado, seja ele grande ou pequeno, é somente o recinto fechado de nossos medos. Um recinto com a tendência de envolver todo o espaço, até se tornar uma casamata do nosso temor de perder o espaço de poder. Assim, mesmo sendo donos do mundo inteiro, o nosso "reino" nos possui, domina, nos torna escravos, encerrando-nos, encerrando o coração feito para o infinito nas muralhas do medo de perdê-lo.

Jesus expressou tudo isto em uma frase que como vimos, disse após a correção de Pedro, esta é uma frase que não podemos esquecer: "Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vem a perder a própria vida?" (Mt 16,26).

Mas, paradoxalmente, o homem se salva do perder e arruinar o próprio "eu", *perdendo-se*, sacrificando-se por um Outro: "Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Porque aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas aquele que perder sua vida por minha causa, a encontrará" (Mt 16,24-25).

Seguir a Cristo significa ouvir seu chamado, para nos encontrar fora de nós mesmos, fora dos espaços de poder que arriscamos sempre de assimilar a nossa identidade, a plenitude da vida e por isso, indo além das muralhas construídas por nossos medos em torno a nós, como Inominado defendido por uma fortaleza, pelos guardas e armas que tinha. E Jesus, pedindo para sair de nós mesmos, nos convida, como diz o Papa, a adentrar em um processo no tempo. O processo no tempo é uma realidade que inicia, mas idealmente é projetada ao infinito, ao eterno. Significa sair das muralhas, sair da casamata, para começar um caminho em um espaço infinito, ilimitado.

O caminho iniciado pelo Inominado encontrando o cardeal Borromeo – mas já antes, quando deixou seu castelo sem a escolta dos "*bravi*", que eram os "*gorilas*" ou "*guarda-costas*" da época, para descer o vale, ainda incerto do chamado que estava seguindo – era um caminho ilimitado. Começava ali para nunca terminar, pois era um processo de vida, atraído pelo amor deste dom ilimitado da própria vida.

Como no episódio de Zaqueu. Antes este homem se esconde entre as folhas do sicômoro, tem medo de se mostrar, tem vergonha de si. Mas Jesus olha para ele e o chama. E este chamado faz Zaqueu sair da casamata segura de suas riquezas, da sua vida de prepotência e roubo "legalizado". E a sua identidade renasce: «"Zaqueu, levantando-se, disse ao Senhor: "Senhor, eu darei a metade do que tenho aos pobres, e se roubei alguém, devolvo quatro vezes mais". Jesus lhe disse: "Hoje a salvação entrou nesta casa, pois ele também é filho de Abraão. O Filho do homem, de fato, veio buscar e salvar o que estava perdido."» (Lc 19,8-10)

"Senhor, eu darei!"

Um que redescobre seu "eu" como possibilidade de ser dom, começa um processo de vida que nunca acabará. Claro, perde as defesas de seu espaço de poder, mas reencontra a liberdade e a posse de si mesmo, da própria vida e, no fundo, de toda a realidade. Doar, amar é um possuir ilimitado da realidade.